

ENSINO DE GRAMÁTICA: UMA EXPERIÊNCIA NA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Mariane Sousa Andrade¹

Bruno Alves Pereira²

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como intuito apresentar a minha primeira experiência vivenciada em sala de aula, proporcionada pelo programa Residência Pedagógica de Língua Portuguesa do Centro de Ciências Humanas e Exatas (CCHE) da Universidade Estadual da Paraíba. O conteúdo trabalhado nessa experiência foi *Adjunto Adverbial de Tempo e Lugar*, em uma turma do sétimo ano, contendo dezenove alunos, de uma escola de rede pública que se localiza na zona rural do município de Monteiro- PB.

A escolha da temática se deu através do plano bimestral, repassado pela Secretaria Municipal da Educação, que é construído em conjunto pelos próprios professores da referida rede. Utilizamos uma metodologia que foi trabalhada com os alunos não só para aprender as funções e usos dos adjuntos adverbiais de lugar e tempo, mas também demonstrar a importância do uso da vírgula nessa construção. Como referencial teórico, embasamos-nos em Mendonça (2006), que aborda a visão do ensino tradicional de gramática e também o surgimento da análise linguística, novo meio que busca reflexões sobre as funções e usos do sistema linguístico.

A intervenção proporcionou um processo de ensino e aprendizagem que foi possível através da construção da linguagem e interação entre os alunos e docente, sem precisar fazer o uso da “típica aula de gramática tradicional”, que todos nós tivemos no ensino básico, voltada apenas para identificação e classificação das palavras

Ao final, pudemos perceber que trabalhar a gramática sem ênfase na metalinguagem é bem mais fácil, pois os alunos não precisam saber conceitos. Nós professores que devemos ter este conhecimento na ponta da língua. O que na verdade importa é fazer o discente aprender sua função e saber em qual momento o uso é feito e a importância com a questão da vírgula.

GRAMÁTICA TRADICIONAL X ANÁLISE LINGUÍSTICA

O ensino de gramática é visto como conteúdo mais importante nas aulas de língua portuguesa. Isso ocorre porque vivemos em uma sociedade que acaba dando mais prestígio à norma culta, ao falar belo. A escola valoriza apenas regras e normas visando o ensino de gramática tradicional. Ensino este pelo qual todos nós já passamos e que continua sendo repassado no componente curricular no ensino fundamental e no ensino médio. Somos condicionados apenas a classificar frases e períodos soltos, identificar, retirar, decorar nomenclaturas sem ao menos questionar e fazer reflexão sobre o uso do que está sendo estudado e sua função. Isso acaba se tornando preocupante e sendo motivo para críticas.

¹ Licencianda em Letras- Língua Português pela Universidade Estadual da Paraíba, marianeandrade98@hotmail.com

² Professor orientador: Mestre em Linguagem e Ensino, Universidade Estadual da Paraíba, brunoapcg@bol.com.br

Nas últimas décadas, entretanto, vem se firmando um movimento de revisão crítica dessa prática, ou seja, vem-se questionando a validade desse modelo de ensino, o que faz emergir a proposta da *análise linguística (AL)* em vez das aulas de gramática. (MENDONÇA, 2006, p. 199 - grifos da autora)

Há muitas críticas a esse modelo de ensino de gramática tradicional. A primeira delas, de acordo com as pesquisas de Mendonça (2006), é que os resultados dessa prática são desagradáveis, pois as habilidades mais importantes para os alunos, de leitura e escrita, acabam ficando de lado. A segunda crítica se assegura na ideia de que as definições da gramática normativa na escola acabam misturando os critérios semânticos, sintáticos e pragmáticos, apresentando falhas.

Estamos tão acostumados com o “modelo” tradicional que a maioria dos professores de língua materna acaba se acomodando, por ser mais fácil, afinal, não precisa quebrar a cabeça com inovações que tenham como objetivo tornar seus alunos seres críticos e reflexivos acerca da função e uso.

Mendonça (2006) mostra que é necessário que os docentes criem uma inovação na proposta teórico-metodológica na sala de aula. Prática esta de um modo contextualizado ao invés do descontextualizado. Outro conflito que aparece nas pesquisas da autora é o questionamento dos discentes em relação a ter que aprender a gramática: Por que temos que aprender isso? Para que serve? Por que saber a diferença dos complementos? Muitas vezes, os professores não sabem responder o que acaba gerando problema para aprendizagem do aluno. Diante disso, é que surge a necessidade de se trabalhar com a análise linguística.

[...] a AL surge como alternativa complementar às práticas de leitura e produção de texto, dado que possibilitaria a reflexão consciente sobre fenômenos gramaticais textual-discursivos que perpassam os usos linguísticos, seja no momento de ler/escutar, de produzir textos ou de refletir sobre esses mesmos usos da língua. (MENDONÇA, 2006, p. 204. -grifos da autora)

A Análise Linguística não surge para eliminar o ensino de gramática, pois esse saber é necessário para vários aspectos da nossa vida. Não há como fazer o uso e reflexão da língua sem gramática, como Possenti (1996) e Antunes (2003) ressaltam. AL aparece para trazer novas visões em relação ao sistema linguístico e aplicação na nossa língua. Mendonça (2006) fala que é necessário fazer reflexão da linguagem, pois ela está tanto dentro da escola quanto na vida cotidiana.

De acordo com Antunes (2014), a linguagem se dá através da interação, da ação entre dois ou mais sujeitos, em que ocorre uma troca de conhecimentos, propósitos, reciprocidade entre o locutor e o interlocutor no processo de “ouvir” e “falar”. É de fundamental importância essa interação social com a linguagem na sala de aula, com o professor e o aluno por meio de questionamentos, discussões e reflexões.

Mendonça (2006) diz que não há problema com a nomenclatura, pois ela faz parte do objeto de ensino e é necessário para a composição do estudo científico. Porém, não podemos adotar como objetivo das aulas apenas a competência do domínio das definições e classificações dos termos técnicos. Quem deve possuir esse conhecimento é o professor, e nosso objetivo é fazer o aluno refletir sobre o uso e a função em relação ao sistema linguístico. A Análise Linguística deve ser objeto de ensino de todas as aulas de português, para assim formar seres que saibam utilizar a língua, ler e escrever em diferentes contextos de interação social.

PLANEJAMENTO DA AULA

Como vimos, vivemos em uma sociedade em que o ensino de gramática tradicional é o foco principal nas aulas de língua materna. Fomos acostumados apenas a classificar, identificar e decorar nomenclaturas. Somos condicionados a tomar esse tipo de atitude em qualquer tipo de texto, que acaba sendo utilizado como pretexto para se trabalhar com as regras e normas.

Ao me deparar com o Plano Bimestral que recebemos da Secretaria Municipal de Educação, de início, fiquei com medo, me senti insegura, incapaz de transmitir o assunto de forma contextualizada, pois o que mais ouvimos durante a graduação é sobre a importância de considerar o contexto social do aluno e não descontextualizar. Nós residentes temos o objetivo de apresentar inovações e novas perspectivas de ensino para a sala de aula. Pensei sobre os seguintes questionamentos: Como ensinar a gramática de forma contextualizada se somos frutos do modelo tradicional? Como não seguir o tradicionalismo? Como dar uma aula visando a análise metalinguística?

Ocorreu uma enorme dificuldade ao planejar a aula, pois temos que pensar em textos que ajudem os alunos a refletir sobre os usos e as funções do sistema linguístico, dando coesão e coerência. O adjunto adverbial de tempo e lugar é um conteúdo muito simples, de fácil compreensão, não tem muito o que explicar, e isso acabou tornando a elaboração mais difícil.

Então, foi a partir do gênero “*texto didático*”, que estava sendo trabalhado no livro didático dos alunos, especificamente do exemplar intitulado “*O mercado de trabalho*”, de Sampaio e Medeiros, que surgiu a ideia do olhar sobre o texto, utilizando a metodologia baseada na Análise Linguística. Não trabalhar o texto como um pretexto, mas mostrar para os alunos a importância de cada adjunto na construção do sentido global. O planejamento foi feito para duas aulas, incluindo uma atividade em relação à discussão do assunto, porém, os alunos acabaram sendo liberados mais cedo, e com isso, só foi possível ministrar uma aula.

A AULA DE ADJUNTO ADVERBIAL DE LUGAR E TEMPO

A aula começou a partir do seguinte questionamento: *Já ouviram falar em adjunto adverbial?* Os alunos não conheciam a palavra, como já era esperado. Então a frase foi cortada da seguinte forma: ad/junto ad/verbial. Os alunos responderam o que entendiam pelas palavras, “junto ao verbo”. Em seguida, falaram o que entendiam por verbo e todas as respostas foram anotadas na lousa. Foi necessário fazer esse percurso porque não faria sentido começar perguntando o que eles entendiam por lugar e tempo sem antes passar pelo verbo, que está atrelado aos adjuntos.

A sondagem continuou. Foi perguntado o que eles entendiam por *lugar* e, conforme o esperado, citaram respostas com vários exemplos de lugar, como: onde mora, onde você está, onde você trabalha, onde você vai, campo de jogar bola, espaço, casa, escola, entre outros lugares. O mesmo foi feito com o *tempo*, obtivemos como resultado: hora, século, tempo que levo da escola para casa, minutos, hora de tomar o remédio, tempo que a professora passa dando aula, ano, entre outros exemplos.

Depois de todos os questionamentos, foi exposto um fragmento do texto didático, “*O mercado de trabalho*”, discutido nas aulas anteriores, na lousa: “*O desemprego no Brasil agravou-se nas décadas de 1980 e 1990*”. Diante disso, refletimos primeiramente sobre o verbo, em seguida, sobre as expressões de tempo e de lugar presentes na frase. Os alunos com

muita facilidade conseguiram falar da função e uso de cada um sem esforço algum.

Em seguida, foi retirado outro fragmento do texto “*Nas décadas de 1980 e 1990, o desemprego no Brasil agravou-se*”. E os alunos tiveram que refletir sobre as duas frases e dizer o que diferenciava uma da outra. O objetivo dessa reflexão era fazê-los perceber a vírgula, para dar início sobre a importância do adjunto adverbial de lugar e tempo ser deslocado.

Após perceberem, começamos com a discussão geral com base nas respostas dos discentes, aprofundando a reflexão da função e do uso de cada elemento e aproveitando para mostrar a importância do conhecimento em relação ao adjunto de tempo e lugar, pois esse aprendizado nos ajuda a dominar o uso da vírgula.

Mostramos que o adjunto deve ser usado como condição, pois haverá momentos em que ele será opcional e outros funcionará como obrigatório, por isso a importância da explanação do uso da vírgula.

Com essa aula, tivemos uma interação com a linguagem, reflexões, discussões sobre a função e uso do sistema linguístico. Houve transmissão de conhecimentos compartilhados entre docente e discentes. Pudemos perceber que todo aluno já possui conhecimento de gramática internalizado e os discentes mostraram bem essa questão na aula. O que havia de novo era apenas o nome “Adjunto Adverbial”. E foi através dos conhecimentos deles que a aula se desenvolveu. Como bem aborda Antunes (2009), o papel do professor é ampliar o conhecimento internalizado que o aluno já tem e mostrar de que maneira aquele elemento linguístico faz diferença no processo de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, devido ao modelo tradicional receber críticas, surge a Análise Linguística, que nos ajuda a criar inovações nas propostas-metodológicas. Na maioria das vezes, há um comodismo por parte do professor com o ensino de normas e regras. Também há medos e angústias ao tentar inovar em trazer a análise linguística para sala de aula. Não devia haver receio ao ter que ensinar a gramática voltada para a Análise Linguística, pois os alunos já possuem conhecimentos sobre a língua materna e o docente só tem por objetivo ampliar essa aprendizagem.

Em suma, é através da linguagem, da interação entre aluno e professor que buscamos fazer discussões acerca da real importância de estudar a gramática. Portanto, é necessário que o professor abandone o “modelo” tradicional e mergulhe na análise linguística, tornando os alunos seres pensantes e reflexivos em relação a qualquer contexto que envolve o sistema linguístico.

Palavras-chave: Residência Pedagógica. Gramática. Análise Linguística.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. O trabalho com a linguagem: prioridades de objetivos. In: **Gramática contextualizada: limpando “o pó das ideias simples”**. São Paulo: Parábola, 2014, p.59-65.

ANTUNES, I. E se o ensino de língua não perder de vista as funções sociais da interação verbal. In: **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola, 2009, p.173-188.

MENDONÇA, Márcia. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 199-226.

POSSENTI, S. (1996). Indício de autoria. In: **Porque (não) ensinar gramática na escola?** Campinas: ALB-Mercado de Letras.